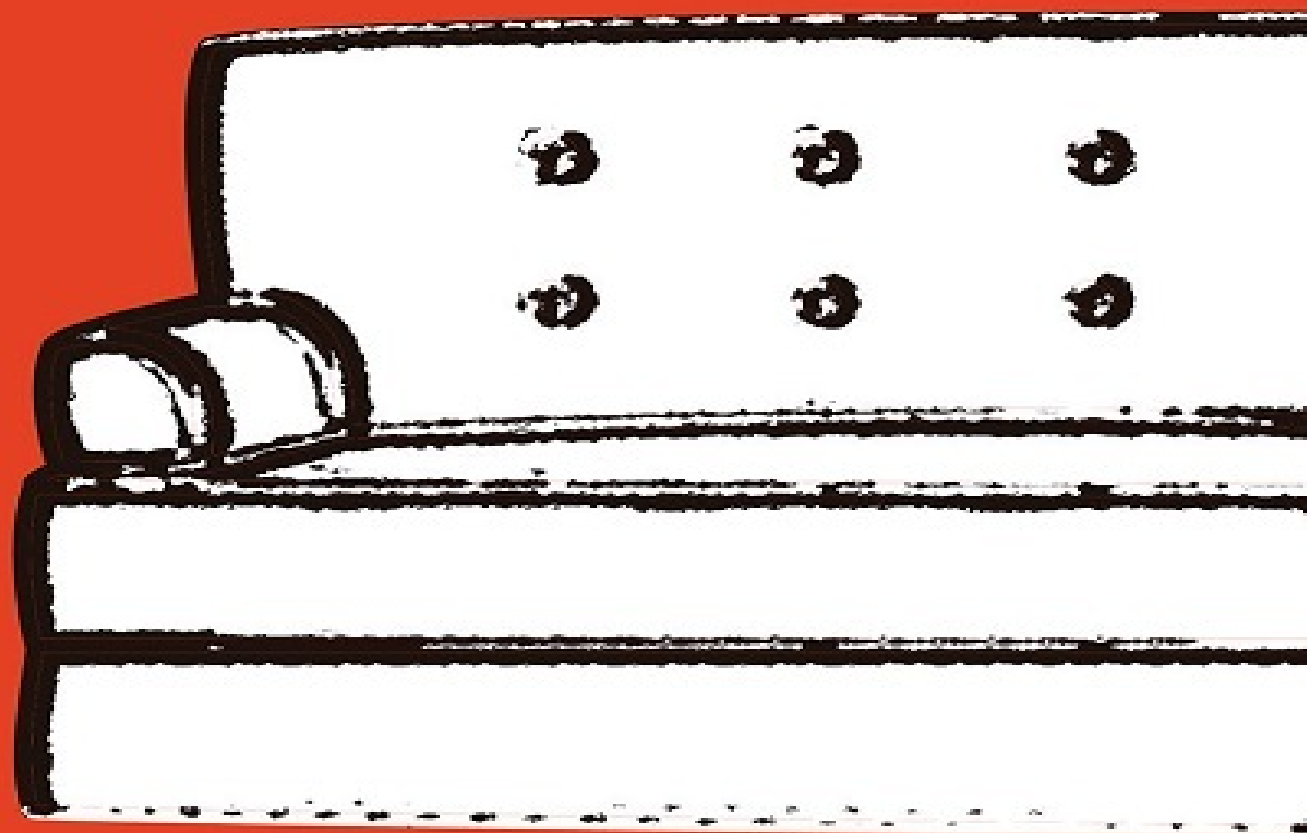


TINTA  
negra

# O Sofá Laranja

Fania Szydlow Benchimol



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

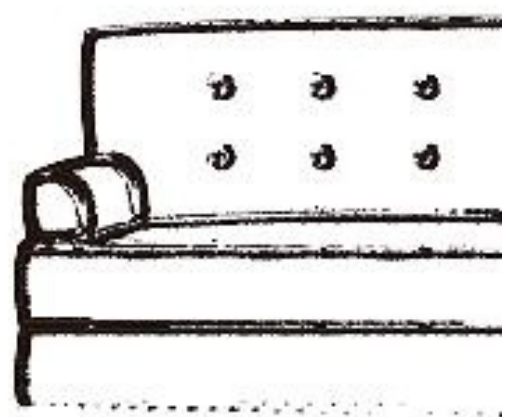
## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## **O Sofá Laranja**



# **O Sofá Laranja**

Fania Szydlow Benchimol



Copyright © 2013 de texto by Fania Szydlow Benchimol  
Copyright © 2013 desta edição by Tinta Negra Bazar Editorial

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Coordenação editorial: Laura van Boekel  
Editora assistente: Luiza Miranda e Mariana Lima  
Editora assistente (arte): Claudia Oliveira  
Revisão: Carolina Rodrigues e Rachel Ades  
Capa: Dalia Benchimol  
Produção de ePub: Cumbuca Studio



Tinta Negra Bazar Editorial  
Rua João Santana, 44  
Rio de Janeiro, RJ | 21031-060  
Tel.: (21) 3833-3940  
[contato@tintanegraeditorial.com.br](mailto:contato@tintanegraeditorial.com.br)  
[vendas@tintanegraeditorial.com.br](mailto:vendas@tintanegraeditorial.com.br)  
[www.tintanegraeditorial.com.br](http://www.tintanegraeditorial.com.br)

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B395s

Benchimol, Fania Szydlow

O sofá laranja / Fania Szydlow Benchimol. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2013.

112 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-63876-40-9

1. Cartas brasileiras. 2. Família. 3. Literatura brasileira. I. Título.

13-02560

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Para Jacques, Jean e Dalia.

*Acima da razão.*

Li as cartas de Susan e pensei: não, não se trata unicamente de uma pessoa com uma sensibilidade abrangente, mas de alguém que sabe transformar essa sensibilidade em palavras e frases e acomodá-las jeitosamente dentro de um livro.

Susan traz a mimesis aristotélica para Nova York e nos ensina o que é a criação de uma nova realidade e não a imitação do real. Isso é literatura; isso é arte.

Fui visualizando Susan a partir da primeira carta. Já na terceira eu tinha no meu imaginário não apenas o exterior daquela missivista, mas já me parecia perceber o seu lado não visível. Não suas roupas ou feições, mas talvez sua alma.

Durante a leitura, viajei sem sair de casa para aquela cidade tão minha conhecida, mas procurei muito onde me instalar. Não no meu hotel de sempre, nem nos meus lugares favoritos. Mas descobri que o único lugar possível seria ao lado de Susan, naquele sofá laranja.

Agradeço a Susan por ter me deixado compartilhar de suas sensações. Obrigado, Susan, por ter me permitido sentar a seu lado. Ou teria sido Fania quem me deu tal permissão?

Synval Beltrão Jr.

**E**ra outono quando eu passeava pelo Central Park. Em um dos bancos, li a seguinte homenagem: “Para meus pais, Susan e Sam, que aqui viveram um grande amor. Da sua filha Glória”.

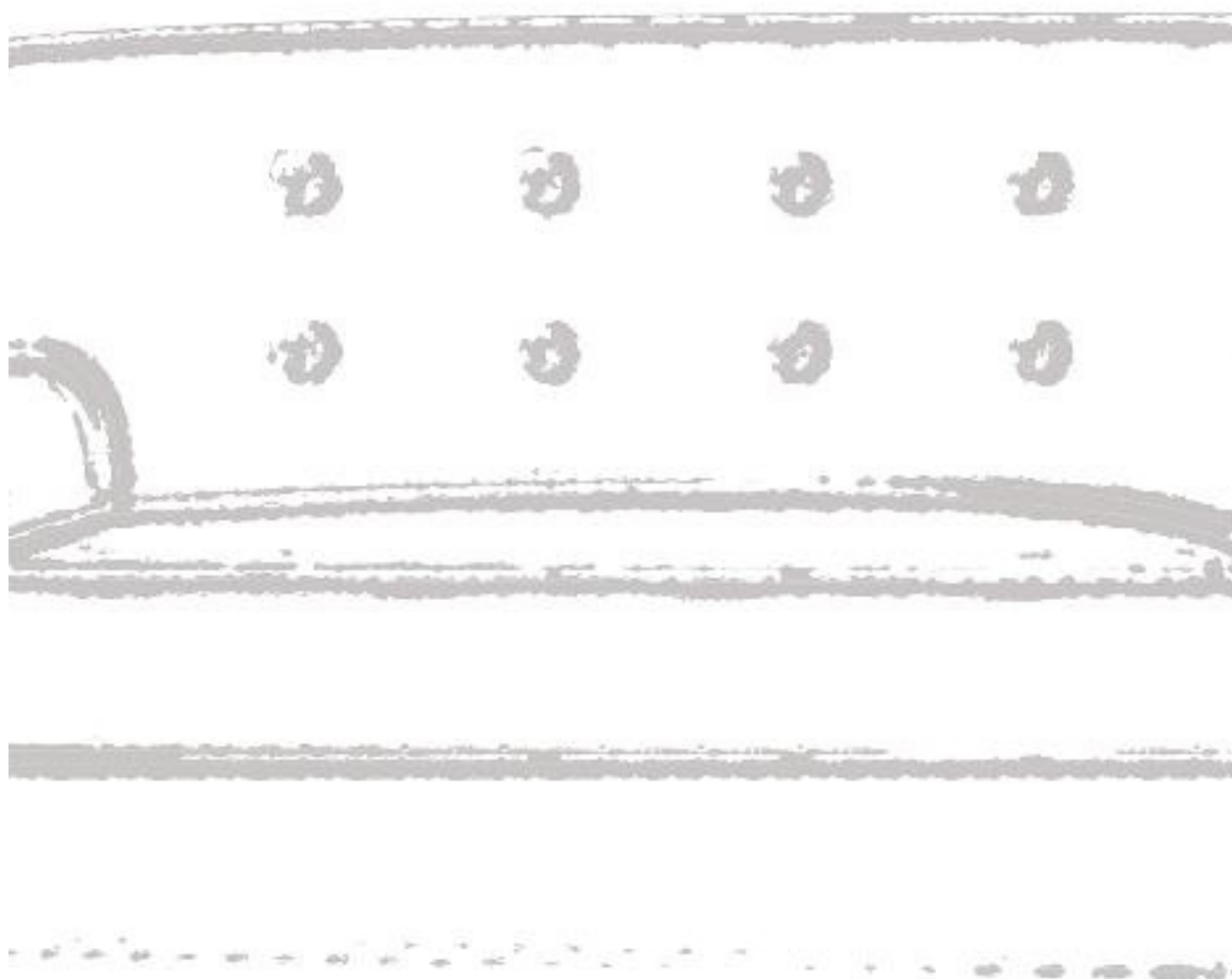
Como se estivesse sentado à espera, encontrei, confundindo-se à folhagem dourada, um maço de cartas amarradas com fita laranja.

O laço firme e os envelopes amarelados me apeterceram a leitura de tal forma que imediatamente tomei o achado como objeto meu, sem ao menos tentar encontrar quem o teria perdido ou deixado por ali.

Ao traduzir as cartas de Susan para o português, tentei respeitar as nuances delicadas da sua escrita, sem perder a essência da sua alma. E após lê-las, após terem aquelas linhas penetrado em meus olhos e em meu ser, vi naquelas cartas minha própria alma e minha própria letra.

F.S.B.





*Fosse de espumas, madeira, pregos, grampos, tachas, não bastaria.*

*Fosse móvel para repouso, conforto não bastaria. Fosse ele da década de 1960, provido de encostos, braços, almofadas convidativas, tampouco bastaria.*

*Fosse raridade, peça única ou produção em série, não bastaria.*

*Fosse laranja por vontade ou rebeldia, não bastaria. Fosse abrigo, não bastaria.*

*Fosse para enxugar uma lágrima, não bastaria.*

*Fosse para enfeitar a sala por gerações, não bastaria. Fosse para ser manchado, remendado, não bastaria. Fosse para te encontrar ali, com as pernas esticadas, segurando uma xícara de chá, para me olhar e dizer um melodioso olá, isso sim, só isso, me bastaria.*

*Susan*

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

**NY, 1º de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Você pode achar que enlouqueci. Não faz mal. A idade me permite. Aliás, a idade permite muitas coisas, principalmente quando as pessoas estão sozinhas. Diria que sinto uma pitada de solidão. E, por pitada, entenda um tempero que é acrescentado em mínima porção, mas que faz diferença no resultado final de uma receita. E como faz.

O inverno é penoso e te escrever quase me faz sentir corajosa, valente de um jeito que nunca precisei. Concordo que já sinto algo de bom, ainda que sem a menor pretensão. Foi ideia de Glória, você bem conhece a nossa filha, achou que me faria bem. Acabei me rendendo e, mesmo percebendo um quê de ridículo, estou eu aqui sobre o bloco de cartas, na escrivaninha do seu escritório.

Lustrei a escrivaninha com flanela, e a antiguidade parece nova como nunca. Só agora posso perceber com nitidez como é graciosa, caprichada nos detalhes, fartamente entalhada, exibindo em relevo motivos florais, tulipas e folhagens, de um jeito harmônico de dar gosto. Mantive tudo intacto dentro das gavetas, na mesma desordem: os envelopes pardos, as fotografias em preto e branco, os seus relógios, o peso de papel, as suas canetas.

Caso não se importe (espero honestamente que não, que bobagem a minha), escrevo no seu bloco de papel fino, o das linhas azuis. E, enquanto escrevo, admiro cada um dos seus pertences. Sinto como se você estivesse por aqui, quase escuto, quase vejo.

Seu relógio do vidro turvo e arranhado, dos ponteiros vermelhos e pulseira dourada, esse insiste. Continua funcionando preciso. Mas o pretense objeto adquiriu personalidade, atitude, vida própria. Só consigo vê-lo de uma maneira, não há outra: no seu pulso. Você, esticando o braço para arregaçar a manga, ajeitando o olhar para poder enxergar melhor os minutos. Agora eu os vejo bem. Todos os minutos do nosso tempo juntos. Todos os quarenta e sete anos, seis meses e quatorze dias. Quem diria.

Nem é tão tarde, mas o cansaço me pegou mais cedo hoje e me despeço por aqui.

Até amanhã,

com carinho,

Susan.

**NY, 2 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Já tomei o nosso chá da manhã. Fumegante de queimar por dentro. Não é sábado, mas escolhi camomila para acompanhar a leitura do jornal. Você preferiria esticar as pernas sobre o sofá, eu bem sei, mas continuo por aqui, ainda um pouco ridícula, debruçada sobre a sua escrivaninha, diante dos envelopes brancos, já um tanto amarelados na sua velhice. Olhando para eles, ainda te vejo endereçando a correspondência. Sempre em silêncio, concentrado.

Posso imaginar como deve ter sido difícil escrever umas linhas, em especial, escolhendo as palavras que melhor coubessem na verdade. Imagino que tenham sido seus minutos mais laboriosos, você apostando na revelação de um segredo hermético, que custa a respirar.

Veja só, o segredo subiu à tona, impactante, de uma só vez. Bruto. Não sinto mágoa, Sam. Prefiro assim. Tenho lá meu lado meigo e vantajoso. Anestésio logo a raiva, cicatrizo, amorteço o ódio, nem foi difícil de desgarrar. De certa forma, sinto até consolo, a verdade poderia ser muito pior.

Vou largando esse assunto para um depois qualquer. Por enquanto, estou concentrada e plenamente abraçada pelo seu escritório.

O rumo que tomou cada papel, cada envelope, não inclui o vai e vem. É lembrança, perfume, jeito, é absoluto, peculiar, pessoal, único. Fica. E eu, veja só, que por toda a vida fui favorável a doar objetos, não posso mais.

Todos os seus pertences estão intactos, por puro zelo, pelo carinho que dedico aos anos que aconteceram. Quero preservar, igual, como sempre, como se o tempo sofresse de amnésia e dali não se mexesse nunca mais.

Parece absurdo, visito cada canto da casa como uma recém-chegada, andando de um lado ao outro, reparando nos detalhes apegados a cada aresta. Tudo é doce. Os quadros arrematados nas galerias; a aquarela que não desbota; os retratos com imagens apagadas cobrindo o corredor que une as duas salas; a mesa gasta da cozinha, submissa, bisbilhotando com fome os nossos segredos; o sofá laranja comprado na ponta do lápis. Sim, o sofá laranja. Nosso bom, jeitoso e surpreendente sofá.

O seu tudo está aqui, Sam. Do mesmo e de outro jeito. Exceto os pertences de Glória. Pois bem.

Precisei fazer pequenas mudanças no quarto de nossa filha, Sam. Espero que não se aborreça. Acho que você não se zangaria comigo. Comecei a sublocar nosso apartamento; ficou grande demais para lembranças apenas. Os impostos, esses sim, pesados, como não deveriam ser nessa cidade. Nada deveria ser pesado demais, Sam. Nem mesmo o setembro que tento remendar.

A neve ainda cai,

da sua

Susan.

**NY, 3 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Glória tem vindo nos fins de semana. Vem com um rapaz magro, bem magro. Chega a ser pálido. Vejo os ossos da sua essência. É pura. Sincera. Discreta e bem-humorada. Uma essência como impressão digital, única. Passamos o dia juntos, os três, de mãos dadas, feito crianças. Eu encaracolando por entre meus dedos os fios morenos dos cabelos de Glória, que dão voltas e mais pequenas voltas até a altura dos seus ombros. Sua filha continua linda e a cada dia se parece mais com o você de antes.

Ela ainda traz (sim, ainda) meus bombons crocantes e seu cabernet. Já teríamos uma centena não fosse sua irmã mastigando e entornando conversa fora todas as terças-feiras. Bem, ao menos Elizabeth, barulhenta e atrevida, vem me visitar. E Glória com o moço magro e sua natureza bonita.

Por falar em natureza, me distrai adivinhar quem é a moça japonesa que subloca o nosso apartamento. Num impulso matutino, mostrei à jovem sua coleção de máscaras orientais, as da parede do segundo hall. Lembra? Assim como os relógios, os envelopes, as fotos, as máscaras não são mais uma simples coleção. Por aqui, é pedaço seu.

Você discutiria o significado de cada uma das peças melhor do que eu, Sam. Pena não poder saber a sua opinião. Tenho dúvidas a respeito da conservação do gesso das máscaras. Talvez precisem de um retoque. Tenho dúvidas a respeito da minha própria conservação. O inverno é invasivo, impiedoso, persistente, seu tempo mais longo, mais do que pode durar, mais que uma dor aguda, mais que o luto branco de NY.

Boa-noite,

da sua

Susan.

**NY, 4 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Gostaria de te mostrar as fotos em preto e branco que achei na sua gaveta direita, por cima do bloco fino de linhas azuis, junto dos envelopes. Houve época em que as procurei, já não me lembro do motivo, e aqui estão elas, quando menos espero, como tantas outras coisas que acontecem quando menos espero.

O fato é que aqui estão as meninas encostadas no seu carro em 62. O ano é 1962, veja só. Uma delas usa uma fita nos cabelos lisos. Tão lisos que só mesmo pela insistência da vaidade é possível mantê-la ali. Tem traços delicados e olhos amendoados de criança. As meias de algodão branco, vestidas em pleno verão, impecavelmente puxadas até o meio das pernas, mascaram as canelas finas, que não a impedem, creio eu, de correr pelo parque faminto. Por outro lado, suas mãos pequenas são redondas, seu rosto é redondo e farto em bochechas, que escondem os olhos assim que começa a sorrir. Um sorriso inocente de menina, cúmplice, em sintonia com seu olhar, que revela não ter a mínima noção da responsabilidade de, algum dia, crescer.

A outra menina da foto é mais nova, cabelos longos, trançados com dedicação, sem fios arrepiados ou perversos. Combinando com as sapatilhas, vestido debruado em azul, quatro botões na frente e decote em V. Ela parece morena, meio dourada, de uma pele que nem é preta nem é branca. Falta-lhe o dente da frente muito orgulhosamente. Como a irmã, ela sorri. E exhibe aquele espaço, onde já desponta um novo dente, como prova de que a vida segue rumo ao permanente.

Parecem ser as filhas de Peter, você saberia me dizer. Filhas de seu irmão. Você, com toda certeza, gostaria de revê-las. Apesar de preservada, tenho medo de que a foto se apague, que apague as meninas. Tenho medo de que você se apague, Sam.



**NY, 5 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Sou eu. Acordei aqui na sua escrivaninha. Devo ter passado a noite entregue ao cansaço, largada sobre a mesa, esquecida em meio às tulipas e folhagens rebuscadas.

Subitamente me veio o verão de 1962. A brisa farta outorgando nossa vontade de viver. Vejo que corriam pelo parque, Claire e Rose, suas sobrinhas, as meninas. São elas sim, Sam, as filhas de seu irmão Peter com Irene. Recorri à boa e infalível lupa, sentei-me à luz, debrucei meus cotovelos sobre as fotos e, assim, vejo rostos, enfim. Não mais em preto e branco. Coloridas, em movimento, são *flashes* e mais *flashes* memoráveis.

O caçula Victor ainda não era nascido. Peter e eu fizemos um passeio pelas beiradas da cidade com o Dodge azul. O carro novo, polido, lustrado, esse carro era precioso para você. Assim que este inverno emplacou severo, Claire e Rose e seus cachos e seus vestidos trian-

gulares e suas fitas e seus olhos achocolatados e suas meninices me abarrotaram de nostalgia. A memória meio na sombra, meio colorida, me fez buscá-las. Foi difícil, Sam. Enfim, encontrei as meninas.

Naquela época, Claire tinha nove anos. O convite para o passeio veio insistente. A razão exata só me cabe na imaginação. Entre uma garfada e outra do seu bacon despretenso, a xícara de café presa pela alça nos dedos – até hoje não sei bem como você conseguia os olhos fixos no jornal, você me daria um bom motivo, penso que sim.

A menina fazia um bolo de areia no parque, levantando uma pá imaginária, amassando e empilhando, mexendo os lábios e gesticulando, numa animada conversa a dois, na qual não havia mais que ela própria.

Rose, um pouco mais longe, distribuía migalhas aos pombos, jogando o alimento aleatoriamente, sem rumo preciso, para o alto, apenas para agrupar os bichos e logo espantá-los novamente, repetindo assim a brincadeira do alvoroço. Essas lembranças me dizem que o dia só pode ter sido divertido. Ao menos, é isso que sinto, nem em preto nem em branco.

Tenha um ótimo dia, Sam.

NY, 6 de janeiro de 2002.

Querido Sam,

Já tinha me esquecido como era ser criança. Correr, advertida ao despentear os cabelos e suar o vestido engomado, como as mães bem se prestam a fazer. Servir chá para convidados no bule de porcelana vazio, com cuidado para não queimar os dedos e, muito menos, algum dos transparentes convidados. Vestir bonecas só para despi-las. Despi-las, só para vesti-las. Sem consequências, inexplicavelmente.

Bonecas, você não as conhece. Penso que toda menina tem uma preferida só para deixar as demais enciumadas. É parte da graça. A outra parte é querer bem, mais que bem, a escolhida. A minha porção do faz de conta, minha boneca, podia andar despida, ser despudorada por algumas semanas ou meses a fio.

Quando vestida, na minha brincadeira, no território onde eu ditava a lei irrevogável, a boneca não combinava os vestidos com a cor dos sapatos e mais os acessórios. Se combinassem, seria por mero acaso. Importante, isso sim, eram os meus cuidados com seus cabelos de fios sedosos de *nylon*. Quanto mais escovados, mais tempo eu dedicava a escová-los. Sempre perfeitos no balanço, no movimento. Tão perfeitos que, dia desses de brincadeira, a escovação se tornou monótona. E, para apimentar o espírito, eu cortei os seus cabelos, querendo, a todo custo, tê-los de volta. Com o mesmo brilho do *nylon*. Como, de fato, o alongamento não se fez possível, escolhi a próxima boneca mais querida, a que mais queria bem.

Deveríamos seguir sem fardos, Sam. Desfazendo amanhã o que foi malfeito hoje. Pouco dando importância para os remendos. E guardando, como tesouro de piratas, lembranças apenas divertidas.

A luz é fraca e mal vejo as linhas do papel fino. Talvez continue reacendendo as meninas da foto noutro dia qualquer. Por hoje chega de ser criança junto a elas. Uma só manhã em 62 é o suficiente para catar lembranças esparramadas, para supor quem sou, mesmo que seja apenas uma mínima parte, um mínimo que fui, que vou deixando aqui nesse papel delicado.

Já é noite outra vez. A essa hora você estaria deitado de lado, adormecido, o travesseiro precisando ser ajeitado para relaxar a nuca. O livro, sempre caído no chão, eu o recolheria e deixaria marcado em uma página qualquer, atrapalhando a continuidade da sua

leitura. Mas você não se queixaria. Quando percebesse, no dia seguinte, já estaria relendo um parágrafo antigo, com a sensação de equívoco, não seu, mas sim do autor que repetiu as mesmas palavras.

Ou então, quando minha marcação aleatória era mais avançada, ficaria sem entender o salto que se deu, o rumo perdido, a lacuna que se apresentava no romance.

Por vezes, vejo a vida repetida, capítulos enfadonhos, uma mesmice só. Por outras vezes, sinto que ela passou decidida, como se me faltassem páginas, uma vida com brechas. História pulada. Parece ter faltado meio, mais recheio, palavras e contexto. Uma explicação. Como se houvesse um salto e sobrasse um abismo, um antes e um depois, que, diferente da leitura, não se recupera voltando as páginas.

Até amanhã,

um novo velho dia.

Susan

**NY, 7 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Nem estiquei os lençóis, o dia de ontem passou de um jeito amarrotado de dobras, feito rugas, que não se desfazem mais. Ando um tanto preguiçosa ultimamente, sem querer me queixar. A louça ainda suja na pia, de molho, disfarçada apenas com água e sabão. A neve se empilha pela vidraça da janela da cozinha. Floco a floco. Não li o jornal do dia. Não mudei a roupa, o pijama hoje me cai bem como uma xícara de chá com rasas colheradas de açúcar.

Peter vivia adoçando o dia com colheradas de euforia. Simples fagulhas do feito dia de festa. Como milkshake com calda de chocolate ou um novo vagão para a cidade ferroviária que enlouquecia Irene, ocupando o único espaço vazio da sala de estar com aquela parafernália.

Quando Peter sentava com as meninas em meio a pequenas casas, pontes, animais, postes e árvores mínimas na dimensão, aquilo não era brincadeira despreziosa

de criança, era doçura nas veias de um pai apaixonado. O trem de passageiros e o cargueiro dando voltas e mais voltas nos trilhos. Dando voltas sem parar. Sem descarrilar. Isso sim. Valia por inúmeras colheradas de açúcar. Das que transbordam. E o dia, aquele dia, era o mais doce para ele.

Era Irene quem mais queria ter um menino. Seu irmão parecia bem contente com duas meninas que se divertissem com trens, trilhos, maquinistas e soltassem pipas no parque, esvoaçando vestidos, enfeitadas com laços em cabelos cacheados de genuína algazarra.

De qualquer forma, ele era grato ao bônus que lhe fora concedido: um filho de nome Victor. Sentia-se abençoado pelo rumo que tomariam as pipas, os vagões nos trilhos e o tanto mais que não comportava na sala de menina de Irene.

Se doses de açúcar no chá tornam-se ineficientes, é preciso descarregar uma tonelada de doçura nas veias. E quando uma tonelada não basta?

Enquanto neva,

Susan.

**NY, 8 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Com certeza nesse momento estaríamos sentados no sofá laranja, de pijamas, mordendo cookies mergulhados no chá quente, aos goles, aquecidos com frutas silvestres e maçã com canela. Você diz que a vida passa de repente. Um brinde, Sam. Há vida.

Lembrar-me das meninas de Peter me deu asas ao futuro. Eu quero ser avó um dia, Sam. Talvez nem demore tanto. Mal consigo esperar. Já me vejo próxima ao lago, fazendo jus aos impiedosos impostos, esticando uma toalha para o piquenique, a cesta repleta de maçãs, a menina correndo descalça, recolhendo a primavera para si.

Na volta do passeio vou preparar um banho para ela. Vou encher a banheira com água temperada. Nem fria que a paralise, nem quente que a enfraqueça. Água morna que a afague, aconchegue, acalante. Que a nine.

Depois do banho, vou envolvê-la com toalha felpuda. E, enquanto seco a sua cabeça com vigor de avó, enumero um a um os seus lanches favoritos, para que escolha, sem censura de mãe, entre barras de chocolates, bolinhos, tortinhas e bombons crocantes. Afinal, há vida doce.

Vou chamá-la de Meg. Querida. Meu docinho. Pequena. Meu amorzinho. E, depois do lanche, vou contar-lhe uma história. Vou sentá-la no sofá laranja. Vou cobrir sua mão com a minha e apontar seu dedo miúdo para as letras, para que acompanhe a minha voz. E depois da história, vou lhe contar outra. E mais uma. Outra mais. Sem livro.

Ela vai me chamar de vó. Vovozinha. Vozinha querida. Vovó.

E depois do dia, ela vai me pedir para passar a noite. Vou cobri-la com mais uma história entre as cobertas. Quando seus olhos se fecharem, vou afastá-la do meu colo e, com muito cuidado, bem delicada e de mansinho, a levo para a cama, me posiciono à porta do quarto para admirá-la. Com todo silêncio do mundo, respirando sem respirar, eu a vejo, uma menina, uma querida, uma pétala morna que me paralisa. Eu, com a mão posta no interruptor. Sem conseguir sequer apagar a luz.

Vou dormir pensando nela. No dia de hoje. Vou me esquecer do amanhã. Porque tudo recomeçará. Lindamente.

Sempre, sempre sua,

Susan.

NY, 9 de janeiro de 2002.

Querido Sam,

Enquanto o futuro não vem, vou sublocando nosso apartamento. Veja bem, a moça está aqui, dorme, come, lava a sua roupa. Ela é estrangeira e não vejo semelhança alguma entre nossas culturas, em matéria palpável, que possa nos aproximar.

No entanto, nossa afinidade se dá por outras vias. Preferências, manias, reflexões. Gostos pessoais. Dos que não têm nacionalidade alguma e pertencem a todas elas. Gostos apátridas, sem chão único, digamos assim.

Como eu, se ela for lavar a louça, não o fará de qualquer jeito. Vai usar luvas de borracha. Que sejam perfeitas para o tamanho das suas mãos, nem apertadas que inibam os movimentos dos dedos, nem largas que prejudiquem uma boa lavagem. Água morna, como você bem sabe.

Para começar, ela ajeita a bagunça. Empilha os pratos sujos por tamanho; os maiores por baixo. Os copos enfileirados. As panelas pequenas dentro das maiores. Tampas apoiadas na lateral da pia. E pega a esponja.

Como eu, ela cantarola uma música qualquer para se distrair, nada capaz de tirar a sua atenção da louça. E pensa. A mente, essa sim, a afasta das travessas, do movimento circular. Do chão. Ela pensa em uma pessoa. Como eu. Que a leva.

Pega a esponja e despeja detergente. Não muito. Nem tão pouco. Na medida certa. Como uma eu de outrora. Na medida. Primeiro, ela passa a esponja na louça toda. Talher por talher. Usa pouca água, é atenta. E chora contida. Para não desperdiçar sentimento. Ela não está na cozinha. Envolve as tigelas com a esponja, úmida de água e detergente. Abre a torneira generosamente, agora sim há água em abundância. Que retira a espuma, que lava copo a copo, prato, travessa. Que lava a alma. E ela volta. Porque há vida.

Até amanhã.

Susan

**NY, 10 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Aproveitando uma rara disposição, acabo de guardar as suas roupas de verão. Como algumas despedidas, é um afastar lento sem dizer adeus. Tudo anda meio largado. Juro. Todas as manhãs prometo melhorar. Promessa feita na solidão deve valer um pouco menos, eu acho comigo mesma.

Dobrei suas camisas, as casuais, aquelas que você usava só para dar uma volta no quarteirão. Empilhei-as uma a uma, não sem antes inspirar e expirar bem devagar, com fôlego redobrado, a sua presença.

As mais escuras primeiro, por baixo das mais claras, do preto ao bege, ordenadas, sobrepostas, vivas. O preto surrado das viagens, o cinza do seu andar grisalho, o marrom presente de Glória no último aniversário, os verdes da grama distante do Central Park, a paisagem adocicada dos vinhos tintos, o laranja fazendo par com o nosso sofá, o amarelo pontual no sol da janela da sala e o bege, único, como nunca foi a vida para nós. Quem quer a vida bege?

Suas camisas coloridas me deprimem, Sam. Enquanto me despeço, por ora, deixo meus cabelos brancos.

Você sabe, estamos sublocando o nosso apartamento para curtas temporadas. São os impostos, Sam. Malditos impostos, não se foge deles. Ainda tenho dúvidas se você aprovaria minha decisão, mesmo que não tenha me sobrado um único caminho, de barro e pedras que fosse, para escolher. A sua ausência não me deixou outra opção.

Nossa porta se abre várias vezes ao dia. Nem sempre a moça tira os sapatos. Sabe como são os jovens, Sam. Já foram mais disciplinados, você concordaria. As botas molhadas mancham a soleira. Nosso piso precisa de reparos. Há umidade, pequenas manchas escuras, mofo. São veias e cicatrizes que se infiltram, e sempre há o que fazer sem que eu consiga fazer nada. Você fez tudo errado, mesmo fazendo tudo certo. Você fez tudo. A vida, enfim, ficou bege e, sobretudo, precisando de reparos.

Guardei suas camisas, Sam. Empilhei nosso verão. Separei as roupas que precisam de consertos. Pregar botões sempre foi meu forte. Colocar a linha na abertura da agulha, o seu forte. Ainda costuro com linha dupla, longa ao máximo. Gosto de usar o vermelho forte, quando convém. Uma meia furada, uma



casa que se abriu à revelia, a batinha de uma toalha de rosto, retalhos para almofadas, um pequeno rasgo no sofá. Tudo o que é possível remendar.

O restante está à espera. Espreitando. O piso calado, as paredes por pintar, o estofado das cadeiras, a pia da cozinha entupida, a madeira lascada das janelas fechadas. Me espreitam. Se degradam em silêncio. Calados. Quando muito, sussurram baixinho, pedindo um socorro rouco, sem voz.

Finjo não escutar. Fico com a cabeça branca, muda, descolorida, por ora. Estirada de pijamas no sofá laranja remendado. Dançando na chuva com Gene Kelly. Comendo cookies. O pote cheio de gotas de chocolate, a massa queimada pelas beiradas. Por dentro. Por fora. Não se preocupe, tomo cuidado para não sujar com migalhas o sofá. Você me detestaria por isso, mas deixo que a moça, nossa inquilina, estique as pernas e coloque os pés bem no encosto, a cabeça na outra ponta, tal qual Glória fazia sem que você soubesse. Tinha uma graça toda especial, burlar. Correr o risco de ser flagrada. Ela adorava. A mão de chocolate discretamente sendo limpa no encosto, espiando para não ser repreendida. Os pés sujos de quem brincou no parque e trouxe areia para debaixo dos assentos. E quando pulava assistindo a TV, não sozinha, mas em companhia de duas ou três amigas. Nada disso, no entanto, precisava ser remendado.

Me distraí, e a hora passou. Já é tarde demais (não sei bem para quê) e o sono farto me pegou em cheio.

Com carinho,

Susan.

**NY, 11 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Hoje é terça-feira. Suponho. Lá vem ela com seus cookies. Andam queimados como nunca. Não só na parte de baixo. Não é uma questão de regular a temperatura do forno. Decerto. Não sei o que acontece com Elizabeth. O tempo que devem assar é um problema para sua irmã. Perdeu a boa medida, a perfeita, que faz com que um biscoito fique crocante, no ponto, dourado e não torrado, endurecido ou cru, ainda com o gosto da mistura de farinha de trigo e ovos. Ou melhor, Elizabeth nunca teve noção. Sempre esperou mais do que o necessário. O que seria uma boa medida para esperar, Sam? E para viver? Assar biscoitos talvez seja mais fácil, não?

Ando procurando por alguém que diga: “Eis o ponto certo da medida da espera”. Quanto para desvendar um segredo? Quanto para ficar sentada no sofá laranja, por horas, apenas olhando para o teto que precisa de reparos? E para ficar do lado de dentro da casa? Observando a neve que cai, floco a floco, percebendo que nunca antes na vida houve tempo para observar a neve que cai. Floco atrás de floco.

Sam, qual é a medida certa para viver? E para sobreviver? Sua irmã se cansou. Acertar sempre foi um desafio para ela. Agora brincamos de quem espera mais. Se ela ou eu. Enquanto isso, continuo comendo seus biscoitos. Sempre queimados.

Da sua, sempre

Susan.

**NY, 12 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Me veio o outono. A grama por baixo de um tapete alaranjado, que insisto enxergar em tons dourados.

Não que eu sinta saudades, mas bem que poderia sonhar uma noite dessas com o Central Park, cheio de folhas pelo chão, eu caminhando entre uma árvore e um banco ingênuo qualquer.

A verdade é que eu costumava sentar de banco em banco para recuperar o fôlego desacostumado. Não por muito tempo. Alguns minutos depois, voltava a correr por ali, entregue à nossa íntima trindade. Glória vinha um pouco atrás, seguindo as pegadas e pisando sobre cada uma das que ficavam ali desenhadas, até que o vento se incomodasse e levasse embora os rastros da sua brincadeira.

As cestas para piqueniques eram fabulosas. Não

havia como elas para os domingos ao ar livre, cheios de graça, quando se estendia a refeição sobre a toalha

quadriculada de prazer. A mesa na grama ficava oferecida por horas, a torta de maçã inspirando o sono que chegava com o sombreado da estação. O cardápio era sortido, mas não sofria grandes mudanças: sanduíche de pasta de amendoim colada, geleia, cookies, maçãs e bananas carnudas e, como não poderia deixar de ser, finalizando os serviços dedicados à gula, cheesecake.

E quando, no fim da tarde, acabava o passeio, era aqui no nosso sofá que o anoitecer começava, no pote de sorvete de creme, diante da TV.

Não tenho saudades do rosto rosado de Glória, as tranças emboladas no calor suado do verão. Nem da sua mão apoiando o queixo enquanto olhava a neve transeunte caindo lá fora. Éramos outra estação dentro da casa. Éramos sempre outono, primavera e verão.

Não tenho saudades do que vivi intensamente, tenho saudades do que não puder mais viver com você.

Susan

**NY, 13 de janeiro de 2002.**

Querido Sam

Não vou te escrever amanhã. De repente, lembrar não está me fazendo tão bem. Vou pular o dia, transgredir, tirar uma folga. Me afastar. Procurar por roupas estendidas em um imenso varal. Ou melhor, eu mesma vou pendurar as roupas molhadas, uma a uma. Uso pregadores de madeira, tão frágeis que se partem facilmente. Diferentemente do peso dos impostos no West Side, eu não ligo. Não me importo com a fragilidade, simplesmente compreendo. Estendo camisas em uma corda imensa, que vai de um lado ao outro do quintal gramado do meu sonho. Levo um cesto com as roupas, apoiado na cintura. Apesar de cheia, a cesta é leve como meu humor. Nada ali é pesado. Nem mesmo a solidão. No meu quintal só amanhece. Não anoitece, escurece, entristece. Não há breu. No sol de cedo da manhã tudo é frescor, juventude, despertar. A paisagem é verde apagado com tons dourados em degradê. Chegando ao mel. Inúmeros raios, dos mais finos, chegam até o varal. Vejo as partículas mínimas do ar. A cor é soberana, amarelo alaranjada, rosada, e mesmo as roupas mais escuras, azul-marinho, marrom e preto, esquecem. Ali, entre o sacudir das roupas estendidas, vejo vento enfim.

Não me espere amanhã. Quero férias! Vou levando um buquê de flores. Imenso. Tão generoso que mal cabe nos meus braços. Mesmo assim vou de bicicleta, pedalando macio, descalça. Assobio tão baixo que nem eu mesma escuto. Quero preservar o silêncio. Uso vestido estampado de algodão e, a cada volta esvoaçante no pedal, sinto a brisa por entre minhas pernas de carne firme. O caminho é de terra batida, liso feito asfalto, ramificado por mais outras veias que levam a mais outras estradas e mais outros percursos, nos quais só cabe uma passagem, por onde vai uma bicicleta. Mas não tenho dúvidas, sei bem por onde vou. Não há indecisões ou arrependimentos. Sou apenas levada, agarrada a flores do campo, gérberas e lírios inebriantes, conduzida tão naturalmente que mal sinto meu corpo girar o pedal. Tenho o vento a meu favor, como tudo o mais.

Amanhã vou me ausentar. Sumir. Me lambuzar de sonhos.

Vou querer os do dia. Feitos naquela manhã. Talvez até espere pela fornada.

Vou ficar espiando aquela pessoa que chega carregada de sonhos para colocá-los em ordem no balcão, não um a um, mas às “dezenadas”. Todos enfileirados, esbanjando, em conjunto, o prazer de ser

doce. Vou ficar olhando para aquela bela seleção de sonhos. E vou contá-los.

Vou apontar com vontade para um dos sonhos. Dos maiores. Dos mais recheados. E serei servida. Em guardanapo mesmo, pouco importa. Antes de dar a primeira dentada, vou escolher um sonho para levar para casa. Um sonho para viagem.

Não vou bater no sonho para limpar o açúcar. Deixo que o doce seja mais doce.

Vou dar uma primeira mordida. Pequena. Fechar os olhos, respirar fundo e mastigar bem devagar, absorvendo a essência do sonho.

Vou deixar o açúcar tomar conta dos meus lábios. Talvez suje também parte da bochecha. A roupa, quem sabe.

Entre uma mordida e outra, nem vou posicionar a ponta da língua nos cantos da boca para tirar o excesso de doce que por ventura estiver por ali.

Vou salivar a cada mordida. E suspirar. E pensar somente no sonho que como. E antes mesmo de terminar, vou fixar meus olhos no balcão e apontar para o próximo sonho.

Não existirá sonho que satisfaça. Terá que haver sempre um próximo. Exposto. Ostentando doçura para ser pinçado no balcão. Vou ser gorda. Gorda de sonhos. Só amanhã.

Até depois de amanhã.

Susan

**NY, 15 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Tenho medo de misturar alguns desses sonhos. Me perder por entre eles e não voltar. Sonhar sem resgate, ser vencida, derrubada, naufragar no desconhecido ou no anonimato de mim mesma. Acordar tendo dúvidas se sonhei. Ou achar que uma memória foi puro sonho. Talvez isso aconteça comigo sim.

Ficaria perdida nesse paralelo, na conversa íntima, no bom conforto das pernas esticadas no nosso sofá. Para sempre, um sempre entorpecido. Como se o sonho estivesse presente em carne e osso. Mas na verdade não está. E sinto muito. Talvez valesse a pena enlouquecer. Não importa. As cartas são um conforto, e o papel fino é real. Tão real quanto o sono de uma cidade que nunca dorme. Como nosso bom e velho sofá.

Custamos a fechar a compra (me corrija se estiver errada). O móvel de encosto macio e gordo era caro. Não cabia no orçamento minguado de quem precisa fazer contas para começar a vida de dois. Mas cabia perfeitamente no desejo. E fomos categóricos no cálculo final, não fomos? Sem cadeiras, sem iluminação decente, sem tapetes que enfeitassem e aquecessem, sem mesa de jantar, mas, indiscutivelmente, com sofá novo.

A cor, irreverente (eu não, mas você bem teve lá as suas dúvidas). Livre. Laranja. Contestadora. Ousada. O móvel, acolhedor para se ficar chegado. Na medida certa para pernas cruzadas. Deleitável para quatro pessoas que fizessem uma família. Perfeito para quem começava a sonhar que a vida é explosiva e é, por que não?, laranja e promissora.

E foi tão somente depois de uma série de encontros enamorados com o móvel que, finalmente, concluímos a aquisição. A entrega chegou pela manhã e, na sua ausência, caso não se lembre, fui encarregada de lhe abrir as portas. Foi preciso desmontar uma delas, inclusive, para dar passagem ao nosso bom e bem-vindo sofá.

Os dias que se seguiram foram de pura dedicação e entrega ao recém-chegado. Como ainda não contávamos com cadeiras e mesas que pudessem nos render conforto, nosso posto era, invariavelmente, o assento laranja.

As opiniões eram das mais diversas em gostos e chegavam a causar polêmica feroz entre nossos

convidados. Peter, a voz da experiência matrimonial, convencia Irene a todo custo a adquirir alguns, ou melhor, um lençol, que fosse neste mesmo tom, para apimentar as noites do casal.

Nosso grande amigo entusiasta Arnold, que Deus o tenha, alisava o bigode por entre os dedos de nicotina enquanto proferia um discurso sobre a posição do laranja no arco-íris da felicidade.

Sua irmã Elizabeth, certa das manchas de cookies que já vislumbrava pela superfície do sofá, maldizia a escolha da cor enquanto seu tio enfático a achava plenamente desfrutável e afortunada, dadas as tantas mazelas que lhe impusera a vida árida de imigrante. Veja a arte na vida, no laranja, Elizabeth, e pare de blasfemar!

Boa-noite,

Susan.

**NY, 16 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Você já deve saber aonde quero chegar. O fato é que encontrei aquela carta. Escondida entre o encosto e uma das almofadas do assento que precisei remendar.

Aposto que você esperou eu sair, deu duas voltas no fecho da porta, acomodou a testa na madeira, ainda com a mão na fechadura, só para relaxar e pensar, um segundo que fosse. Em seguida, você, vestido com camiseta branca e mangas curtas de fim de tarde, arrastou suas pantufas até o quarto, puxou a cadeira da escrivaninha com pouca força e se sentou, ajeitando a posição para ficar bem perto da mesa. Abriu a segunda gaveta, escolheu uma caneta que fosse precisa, de traço grosso, que fizesse as letras largas e a leitura macia e compreensível.

Apoiou a mão esquerda, que logo se fechou sem que você percebesse, e começou a traçar um plano para a sua escrita, já começando a colocar a data no canto direito do papel.

O bloco grosso amortecia o toque da caneta, mais parecendo um veludo que apetece a escrita, tão suave, correndo entre as teclas do papel delicado. E, feito um pianista que improvisa a música, você escreveu a carta do início ao fim, em um só fôlego, como se a tivesse decorado e sabido de antemão, como se dominasse todos os acordes que iria tocar.

Depois do último ponto final, como bom maestro, não releu o texto. Estava feito. Não havia palavra para corrigir, riscar, substituir. Não trocaria uma sentença de lugar. Não moveria o passado, não riscaria o ocorrido. O fato estava dado.

Passo para frente. Passo para trás. Você não sabe o destino da carta. Aposto que não. O que fazer. Como guardar a verdade. Um segredo não pode ficar exposto, até que chegue o momento para revelar e despir o que é fato, afinal. Para manter segredo, é preciso se debruçar sobre ele. Abraçar, proteger, preservar o silêncio que está lá, vazio e cheio ao mesmo tempo.

Então você fincou a carta para dentro do sofá. À espera de uma decisão.

Aposto que nesses minutos o seu coração chegou a palpitar. E foi preciso sentar, ali mesmo, no sofá, cúmplice de uma revelação ainda à espera.

Ainda sempre sua,



Susan.

NY, 17 de janeiro de 2002.

Querido Sam,

Você não voltou. Ela ficou ali presa, silenciosa. Nosso sofá alienado, desavisado, abrigando com uma irreverência laranja a sua carta.

Pois saiba que a encontrei em bom estado. O papel liso. Esticado de pessoa esmerada. As folhas dobradas, dobra precisa, bem no meio. Sem desalinho. E foi pelo acaso de um sofá rasgado que a descobri naquela manhã.

A moça japonesa e eu assistíamos juntas a mais uma das inúmeras notícias referentes ao dia 11 de setembro que (não) passou. Pura insistência minha, não largar aquela desgraça. Sentamos no sofá. Ela, uma estranha nova para mim. O corpo, um bloco interdito. A boca relaxada, o olhar confiscado, a alma lânguida. As pernas desvanecidas, entregues ao peso da carne.

A pele se descolorindo, ameaçando desmaio, sem querer perder o controle de um corpo que era seu. Os cabelos lisos, pretos, escorridos, de boneca para ser cuidada. A palavra que não vinha nem que fosse no gaguejar. Os olhos, pedras sem vida, não fosse o brilho que se fez, repentinamente, em lágrimas. A moça japonesa não era mais estrangeira. Tampouco estranha. Era uma de nós. Parte de mim. Na dor.

Foi de supetão que ela cravou um lápis no sofá. *As equipes de resgate. Lápis solto. Tentativas de encontrar sobreviventes.* Despretensioso. Desses de se anotar coisas. *Não há vida entre os escombros.* Fechou a mão em punho, e a ponta afiada para escrever finamente rasgou, de um parágrafo só, sem pena alguma, o tecido. *Há apenas trapos entre os corpos.* Ela rasgou o sofá laranja. *As buscas não cessam.* A mão que escreve incrédula. *Pessoa a pessoa. Morte a morte.* Ponto a ponto. Uma bobagem, o laranja rasgado da vírgula à interrogação. E esgarçados ficamos: o sofá, a moça e eu. Espectadores, de braços cruzados, da tragédia que mora ao lado, que não é lá longe, que simplesmente dobra a esquina mais chegada. A moça estremeceu no silêncio que grita, cúmplice, que se escreve em qualquer idioma.

Foi mesmo uma manhã de horror. Foi 11 de setembro.

Foi tudo ao mesmo tempo. Foi quando o lápis escapou das mãos. Escapou de jeito. Foi quando o inverno chegou, mesmo sem ter chegado. Desde então, não há pantufas que aqueçam os pés.

Susan

**NY, 18 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Hoje o Sol bate diretamente na neve que se derrete nos cantos das janelas da nossa cozinha. O Sol é uma ilusão de doer os olhos no inverno de NY.

Sinto saudades de Victor, o Victor seu, que é o Victor de Peter e Irene de sobrenome.

Pois bem, depois de Claire e Rose, ele chegou. Eu estava ao seu lado na maternidade quando procurávamos por traços de Peter e Irene naquele rosto pequeno e apertado, tão mínimo e avermelhado, que mal cabem traços quaisquer.

Envolto em uma manta azul, era como se Victor já estivesse pronto para o compromisso masculino que haveria de ter. De olhos fechados, dormindo, era apenas um recém-chegado bebê.

Aos poucos o menino foi sendo mimado, não mais nem menos que qualquer caçula, Irene concordaria comigo. Entre aptidões e prazeres (me corrija se estiver errada), Victor demonstrava gosto (na verdade ele era apaixonado) pelo piano, desde pequeno, no qual praticava escalas para aquecer os dedos.

Acima de tudo, gostava mesmo de infernizar os ouvidos das irmãs, que, na altura, não faziam outra coisa a não ser conversar com amigas no disputado telefone da casa. Era briga certa. Era puxa camisa, puxa cabelos, eram beliscões, alvoroço e gritaria. Era um vazio de paz.

De alguma forma, eu sentia ciúmes daquelas cenas, Sam. Nossa família, veja bem, não tenho de que me queixar, era especial. Porém, quieta. Nós dois, de bem com a vida; e uma menina tranquila, que foi sempre a glória.

Concordávamos em quase tudo, sendo assim, a conversa era branda e muitas vezes, curta. Não tínhamos surpresas, brigas, não batíamos as portas pela casa, não havia o barulho das escalas musicais, algazarra de correrias e puxa orelhas. Havia que eu o conhecia e, supostamente, bem.

Claire, Rose e Victor cresceram se pertencendo. Victor ficou mais alto, o que lhe conferiu autoridade em meio à selva da adolescência. De gordo e flácido passou a magro e forte, tirando proveito pleno da nova silhueta com a qual uma bondosa genética lhe agraciara.

Como qualquer rapaz que passou a ser bonito e encantador, usufruiu. E como. Além do piano,

vislumbrou no basquete uma poderosa isca para as meninas. De cesta em cesta, arremessou seu charme, fazendo valer o suor dos treinos, não só para a vitória do time, mas principalmente para suas conquistas amorosas, que foram muitas. Como trunfo, uma foto 3x4 de cada. Uma coleção de troféus, uma coleção de fotos.

Victor era um vencedor. O menino era mais. O rapaz era mais.

Eternamente sua,

Susan.

**NY, 19 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Gostaria de saltar um dia. Não qualquer um. Gostaria de saltar o dia 11 de setembro. Se, por acaso, não houvesse dia 11, caso fosse esse um dia de um calendário desobediente, tudo teria sido diferente, não haveria solidão e eu abrigando essa pitada de dor. Não houvesse a morte gêmea, fosse um dia que nunca houvesse sido dia. Não houvesse dia 11...

Talvez você tivesse voltado, então, para me contar sobre a carta. Você levantaria a almofada larga, pegaria o envelope com dedos em pinça, abriria sem rasgar o papel, ligeiramente trêmulo, porém com a alma firme. E, finalmente, leria as suas palavras. Todas escritas sem pausa. Não sem antes me pedir para sentar ao seu lado. Talvez até me sugerisse um chá. Você apostaria na minha bondosa camomila.

Teríamos discutido cada parágrafo se você voltasse. Eu a teria reescrito, como o fiz. Uma carta que chegasse ao destino. Uma carta para a alma. Eu a escrevi em um único fôlego, para ser lida suspirando, quase esgotando o ar, preste atenção:

Querido Victor, amado Victor, a maturidade finalmente me permite te escrever não como tio, mas como pai.

(Eu continuo a carta, Sam, entregando o fato como um presente embrulhado em papel de seda fino, escorregadio e afetuoso ao toque, de dar pena ao rasgar porque o lado de fora é tão importante quanto o lado de dentro.)

Querido Victor, pensei em te escrever muitas vezes. Quando ouvi a sua primeira música ao piano, ainda cheia de erros, e me vi aprendiz do seu talento.

Quando, a quatro mãos, tocamos para comemorar o ano de 77 que chegava com toda fúria da sua adolescência.

Contive o meu impulso, a minha vontade, quando você ingressou na universidade, quando li seu primeiro trabalho publicado no puro orgulho, quando me foi apresentada a sua primeira namorada com um sorriso vantajoso, quando derrubei o licor de cacau na sua camisa branca de noivado.

Acompanhei mudo, com a batuta, sem saber como reger uma orquestra desconhecida pela primeira vez. Uma sinfonia que me custou longos anos de anonimato. Por sensatez, e não por escolha, o segredo se

fez.

O segredo é um peso, nunca dorme. Caso cochile, amanhece antes da aurora. Espreita, à espera, seduz como o diabo. O segredo é a cobra, pronta para o bote ao menor sinal de movimento distraído. Não é para os covardes. É parasita, é veneno sem cura. Inverno para sempre.

Consegui te levar para sessões matinês nos sábados de chuva, te comprar um gibi, usar máscaras de Batman e Robin e, na fantasia, me esconder das nossas verdadeiras identidades.

Houve férias descendo montanhas no esqui, houve trenós nos invernos do Central Park. Houve milkshake e hambúrguer na fome das cinco da tarde.

Bicicleta nova no aniversário. Houve muito mais que dias corridos de Natal a Natal. Mas não houve a verdade.

Victor, aquele que você adorou como tio, é seu pai. Não conto com a sua compreensão, pois o fato vem de supetão, sem amortecimento e maiores delongas. Além de tudo, vem tarde. Para você será um golpe, faço votos que esteja ao menos sentado. Para mim, a hora é de aliviar o peso, esvaziar os bolsos, desfazer de pendengas da idade que já é capenga. E só agora é possível te escrever. Eu, para poder terminar de viver em paz. Você, pelo simples direito de saber. E basta.

Victor, sou seu pai. Sou seu pai, Victor. Seu pai, eu, Sam.

Com toda minha vida,

Sam.

**NY, 20 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Mia trouxe flores para mim, ela tenta remendar seu primeiro dia até hoje, pobrezinha. A casa já não era enfeitada desde o último aniversário que passamos juntos. Naquele dia tirei o vaso da cristaleira, me lembro bem, lavei-o com esponja farta de sabão que o deixasse transparente e arrumei os lírios, um a um. Exibidos que eram aqueles lírios, de tanto perfume. Enquanto isso, cantarolei uma música que combinasse.

Hoje fiz o mesmo.

Com amor,

Susan.

**NY, 21 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Glória usa um vestido largo, não há cintura marcada nem pernas torneadas que pertençam ao conjunto do seu corpo hoje. Estampado de flores grandes, exuberantes, redondas, cada pétala da roupa é contornada por detalhes pontilhados, pequenos, suaves. Dos que se repara quando há intenção, quando se aperta os olhos para posicionar a atenção bem de perto.

Não sei mais nada sobre a sua vida além da vida que ela quis me mostrar. Não sei se vai ao trabalho de metrô ou de táxi, qual é a sua esquina preferida para tomar um bom café. Não sei se ainda faz bainha nas calças largas que usa. Se caminha apressada. Não sei se prefere o banho morno ou escaldante. Não sei quais os amigos que mais frequentam a sua casa, se ainda se encontra com as primas Claire e Rose, já não sei. Claire, Rose, Irene, Peter, pobre Victor... não tenho notícias, Sam.

Não é de se surpreender, pouco sei além do inverno em mínimos arremates.

Sua filha divide pequenas coisas comigo. Como você, aprendeu a guardar segredos.

Susan



**NY, 22 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Eu saberia refazer o percurso que você fez ao sair de casa logo após escrever a carta. Talvez me engane nos detalhes, me corrija, mais uma vez, se eu estiver errada. Depois de fincar aquelas palavras no sofá, como uma espada cravada no destino, você fez a barba com fatura de espuma, tomou um banho morno de ducha, se arrumou sem o toque final da lavanda e apertou o passo que dobrou a esquina, amargurando uma dor sem volta. Porque o segredo apertou a alma.

E não houve melhor destino que o Central Park. E depois de umas tantas horas no banco em frente ao lago, não houve melhor destino que a casa de Glória. E ali você ficou. Imóvel, calado, imerso num turbilhão de imagens que se desenhavam em pequenos detalhes da sua vida. E não houve melhor filha que Glória, que compreendesse um silêncio de pai, mesmo desconhecendo o motivo real que coubesse ali.

Suponho que você não aguentaria a existência do dia 11 de setembro e a morte de Victor na Torre, não fosse Glória a te massagear os ombros arreados. E logo vieram as perguntas, os porquês inevitáveis, naturais de todos os miseráveis que perdem um ente querido inseparável: Por que Victor não se atrasou para o trabalho, não parou para uma conversa no hall? Por que não resolveu ler as notícias e se distrair com as letras polêmicas do *New York Times*? Por que não foi ao dentista? Marcou uma reunião fora do escritório? Por que ele?

Descontrolado e incrédulo, você cobrou de Victor a vida, como se a culpa de um atentado estivesse na vítima que não foi capaz de escapar do destino fatal.

Você sentiu revolta. Deveria ter contado a ele a verdade. Antes. Sempre.

O destino te alfinetou como nunca, Sam. Victor era capaz de passar em concursos, conquistar entrevistadores, ser escolhido para um trabalho tão difícil quanto o do escritório na Torre. Por quê?

Agora, já pertencendo a uma estatística histórica, Victor não era mais a pessoa, mas sim um número, um registro, ele era um pertencente ao dia 11. Nada mais.

Não fosse a morte de Victor, você teria voltado para casa.

E com o passar dos dias, muito pouco melhorou para você. O ocorrido estava lá, impregnado de uma fumaça cinza que não desgrudaria jamais. E todos os dias você acordou desejando não ter acordado,

levando um filete de segundo para voltar ao seu eu enlutado. Suspirou fundo, o mais profundo ar que um lamento pode conter. E quanto mais suspirava, mais ar lhe faltava, desejando mesmo morrer de uma causa conhecida como desgosto.

E você sonhou por desespero, tentando a todo custo desfazer o passado que não se refaz. Mesmo que o sonho fosse breve, estava ali a fuga, a passagem para um pretense bem-estar. Uma ilusão, como a refração da luz que não está lá. O luto, como o segredo (não se deixe enganar), não dá tréguas, Sam.

Tenho certeza que a barba não te poupou, cresceu silenciosa e desprezada, te conferindo um ar de total abandono e desdém. Não houvesse a barba, as olheiras te denunciariam, de qualquer forma, apontando para o mundo um transparente sofredor.

Enquanto houvesse abrigo na casa de Glória, você não voltaria para casa. Eu sei. E você não voltou.

Ao menos fico tranquila que nossa Glória esteja cuidando de você. Sinto que esteja sofrendo tanto, Sam. Se recupere e volte quando quiser.

Da sua, sempre Susan.

**NY, 23 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Hoje nem é uma terça dos biscoitos queimados, mas ela apareceu para mais uma sessão de cabernet com chatices.

Estranho muito que Elizabeth tenha vindo fora de hora, murmurando inverdades ao pé do ouvido como nunca. Ela me diz coisas estranhas, Sam. Eu a desconheço como nunca.

Ela se senta ao meu lado no nosso bom e sofrido sofá laranja, parte do seu corpo é deslocada para frente. Como se não pretendesse sentar, mas apenas pousar de leve um peso que não é para ficar. Debruça, assim, a conversa em um tom de voz que mal escuto ou mal ela quer me fazer escutar.

Ela me olha, não diretamente nos olhos, mas sim pelos cantos do rosto, ora para um lado da face, ora para o outro, à procura de uma expressão ou de uma mensagem. Enquanto fala, enquanto me olha, Elizabeth leva a mão direita ao meu rosto, faz um carinho suave de pena, que mais parece compaixão, não sei bem identificar. Ela me bisbilhota, sedenta, tanto por fora quanto por dentro.

Elizabeth me pergunta, desse jeito rarefeito, se estou bem. Como tenho passado e se preciso de alguma coisa além do que é preciso para sobreviver. Se diz preocupada comigo e com o tanto que já me viu definhar, apesar dos cuidados da moça japonesa, impecavelmente atenta e dedicada.

Após uma longa sessão de perguntas pormenorizadas sobre alimentação, que incluem café, almoço, lanche e jantar, me oferece trégua como sobremesa ao inquérito. Mas não por muito tempo. Agora ela se ajeita no sofá. Desvia o olhar do meu rosto e olha para frente, para um nada que está se apresentando como muito para mim.

Ela não pergunta mais. O tom de voz continua suave, muito baixo, transparente. Ela não fala mais para mim, mas sim para algum lugar dentro de si. E eu escuto.

Susan, preste bem atenção. Todas as terças eu venho aqui para lhe dizer que Sam não está mais entre nós. Se essa informação não é clara o suficiente, vou dizer em outras palavras: Susan, Sam está morto. O dia 11 de setembro levou o nosso querido Sam. Assim como você, não posso com a morte. Sam se foi, ele se foi. Sei que é difícil para nós, especialmente para você. Sei bem o que é o insuportável, mesmo ao lado de um bom cabernet.

Não me estranha o teu silêncio, ando quieta no meu canto, uns dias mais e outros nem tanto. Mas, por favor, te peço querida, não se deixe levar, te peço com o que me sobrou de coração. O que será das nossas, tão nossas terças? Tropeçando em tagarelices sem atalhos, enquanto comemos cookies nesse pedaço velho de sofá. Susan, não sei por onde anda a sua mente, vagando, inventando, formulando mentiras, articulando pretextos para não enfrentar uma verdade de dor.

Posso entender, querida. O luto é mais, digamos, difícil quando não se vê de perto um corpo, quando não se apalpa a morte, a pessoa ali estendida, inerte. O luto sem corpo de pele e ossos, sem cemitério, flores, roupas pretas e enterro, até faz duvidar. Esse luto persegue impiedoso, violento, feroz. Esse luto é uma armadilha. Tão grande é a sua crueldade, que é capaz de arrastar, como uma onda truculenta, a verdade e o real de pés no chão. Você pode acreditar que a pessoa ainda está aqui quando ela não está. Querida, se não houver um tronco para se agarrar, lá se vai a razão. O que sobra é um estágio de flutuação brandamente letal.

Em uma versão menos cruel, o luto pode ser piedoso, sim, e fazer sonhar. Pense nisso, querida. Não se deixe sonhar. Tentador, sedutor, ele leva, leva, leva. E, digo novamente, se não houver um corpo que se possa velar, não há amanhecer de um novo dia que te faça voltar. Todo cuidado é pouco. Melhor espreitar esse luto sem flores, te digo.

Nesse momento, Elizabeth se recostou, procurando um conforto branco na alma do sofá laranja. E, mais uma vez, retomou a fala, não mais branda, mas sim revoltada, enfrentando intempéries da situação.

Susan, querida, se ao menos Sam tivesse parado para tomar um café, se tivesse se distraído dentro de uma livraria, cancelado o compromisso. Se tivesse esquecido o casaco, se lembrado de um pagamento. Se o despertador tivesse falhado. Por que ele?

Cuidado, querida. Cuidado. O que sobrou do dia 11 foram apenas os nossos escombros.

Dito isso, Elizabeth passou os dedos no seu rosto, acrescido de um corredor de lágrimas, que enxugou delicadamente no sofá. E se foi.

Eu fiquei ali, Sam. Sem conseguir me levantar. Senti meu corpo se recostando, lentamente, até a cabeça atingir o encosto do sofá. No intervalo entre uma respiração e outra, eu duvidei que estivesse aqui.

Minha cabeça se encheu de dúvidas, o pensamento rápido e linear me encheu de perguntas ordenadas com uma lucidez matemática. E eu me perguntei: Sam, você morreu? Sam, você não está com Glória? Sam, você nunca me traiu com Irene? Sam, Victor sempre foi seu sobrinho e nunca seu filho? E Victor, ele estava mesmo na torre? Ou será que Elizabeth enlouqueceu, bêbada de cookies com cabernet?

Recuperando a agilidade que sempre me foi peculiar, eu procurei sua carta fincada feito espada. E, apunhalada, eu não a encontrei.

Enfim, em meio à sutileza da lucidez, apegada a um fio de dúvida, diante de um malabarismo entre a fantasia e o real, eu me fiz uma última pergunta: Eu escolhi a dor da traição à dor da sua morte? Será?

De alguma sua, que serei sempre,

Susan.

**NY, 24 de janeiro de 2002.**

Querido Sam,

Vou morrer no Central Park, deitada sobre uma toalha de piquenique xadrez estendida próximo ao lago, durante a primavera de 2002. Camuflada na estação. Vou ter os braços dobrados na altura da cabeça, as mãos cruzadas, uma sobre a outra, ambas apoiando a nuca. O chapéu largo cobrirá meus olhos e a maior parte do nariz, exceto as narinas. Preciso respirar NY. As pernas levemente dobradas, os pés tirando proveito do tecido macio. Ao meu lado, uma cesta de vime, com lenço amarrado, contendo maçãs. Algumas intactas e outras mordidas. Vou vestir camiseta branca de algodão, mangas curtas e calça jeans escura. As sandálias de dedo vou largar sobre a grama verde da estação. Livre. Misturada na multidão.

Alguns dias antes, porém, vou verificar os pagamentos. Lavar as cortinas brancas. Elas disfarçam a escuridão. Vou lustrar a escrivaninha. A memória precisa respirar. Vou polir a prata. Por capricho. Arrumar os cookies nos potes, posicionar os vinhos de acordo com as respectivas safras e doar o sofá da sala.

*Abril iluminará os meus braços.*

Uma semana após a minha morte, você vai receber o nosso sofá. Assento com duas almofadas largas, soltas, encosto baixo, pés de madeira escura, um pequeno remendo costurado em linha vermelha. O móvel que sempre esteve ali no apartamento no West Side. Sempre. Arredondado, limpo, íntegro e laranja.

*Vou estar sorrindo quando encontrada sobre a grama de NY. Não vou escrever mais. Não vai haver mais memória. Nem inverno. Apenas o apartamento arrumado e um sofá doado.*

Você vai procurar a carta. Vai reparar no tecido remendado. Vai ser discreto diante de Glória, exaltando a conveniência de estofar o nosso bom e derrotado sofá. Tão logo mexer na primeira almofada, vai encontrar no fundo, retidos no encosto, estes envelopes brancos, ansiosos, pacientes, fechados. Uns ou outros amassados, alguns íntegros, porém todos datados. A curiosidade vai te impulsionar à leitura, você vai se sentar no desconforto da surpresa e vai ler as minhas cartas. Eu vou. Você fica.

*Vou me confundir em meio ao Central Park. Como um monumento em meio à cidade que nunca dorme. Meu corpo, uma homenagem. Branca, a pele áspera, a despedida eterna, inconfundível e*

*irrevogável.*

Você vai ler. Vai ler o inverno, a solidão, os cookies. Vai ler os impostos pesados. A saudade. Vai ler de uma outra NY, de um outro lado da cidade. Se misturando, se confundindo, vivendo.

*Baixa, magra, cabelos curtos, face quadrada, olhos preguiçados e lábios contornados por rugas da idade. Serei toda eu estendida sobre a grama à beira do lago. Serei toda cartas. Para você, que conheci, mal me conhecendo.*

Pena. Não tomamos um último chá. Não conversamos o trivial, não perguntei pelas contas a pagar. Não assistimos a um filme ou a um jogo no nosso sofá. Não aventamos possibilidades para melhorias na casa. Não amenizamos o inverno. Não estivemos com Glória.

*Vou respirar o último ar da cidade. Tragar profundamente e suspirar, enfim.*

Você vai ler mensagens escritas em papel delicado, fino, com riscas azuis. Em ordem. Fora de ordem. Procurando por alguém que pensava conhecer.

Quero ser adivinhada. Sem pressa. Eu, sobre a grama. Você sobre o sofá.

*Vou assim assinar o meu último suspiro.*

Você vai me ler, a senhora Susan, de voz baixa e firme, que agora relaxa no Central Park. Como a cidade, sou toda escombros primaveris, de segredos que nunca dormem.

*Estendida sobre tecido macio na grama, vou descansar do longo inverno que agora me abandona. Vou me soltar de corpo inteiro, relaxada, entregue aos segredos desta cidade. Serei toda primavera. Como nunca.*

*Vou fechar os olhos. Me imaginar fora do casulo. Egocêntrica, vou me sentir única. Despretensiosa, vou ser qualquer uma, como broto de flor esquecido no meio da neve derretida de NY.*

O sofá laranja terá o seu destino final. Não para Glória, que ali sempre encontrou conforto. Mas sim para aquele que almeja encontrar um móvel que abrigue, conforte, console e pertença silencioso a uma cidade que nunca dorme.

Por fim, me despeço em um pequeno voo não vingativo, que não seja tão pequeno. Que não seja bege.

*Vou ser encontrada no meio do parque para o sempre. Em meio a outras cestas e outras toalhas de piquenique, cabelos brancos, eternidade afora.*

*Meu sofá. Minha, a cidade. No inverno. Na primavera. Deitada sobre a toalha de piquenique em plena machucada, soterrada, ferida e despojada NY.*

## **Agradecimentos**

À Vera Alves Bensalah, querida amiga e mestra nos recursos da escrita. À Celuta, Nora, Tatá e Sheila, pelas quintas em uma Copacabana agora literária.

Ao querido mestre Synval Beltrão Junior (em memória), por tanto em tão pouco tempo. A Adelina, Cinthya e Ricardo, Elisa, Lucia, pelos memoráveis mardis literários. Do coração.

A Ana Luiza Badaró Braga, pela insistência. Desde o início. A Rachel Ades, Elisa Palatnik(e, sim, Monica!), por se debruçarem sobre o sofá. Com carinho de amigas.

A Artur Benchimol, sempre Tuca, pela prosa de alto nível. Desde criança.

A Clarize (em memória), Jaime, Fillipe, Ilana, Ben, Janett e Guili, por pertencerem. A Michelle. Da alma de shobes.

A Rubim (em memória) e Bertha, David (em memória), Natan, Laila, Marcelo e Selma, pelos sábados em Teresópolis. Dos bolos a mãos.

A Martin e Marieam, meus pais, pela vida. De todos os dias.



**Uma experiência acima da razão.**